

TESTEMUNHO

Fui sempre um entusiasta da Comunidade Europeia. Considero o projecto político mais inovador e fecundo do Século XX, por ser - antes de tudo - um projecto de paz, que assegurou, efectivamente, a paz na Europa, apesar das divisões e dos embates geo-estratégicos, ideológicos e económicos que nunca deixaram de estar presentes.

Mas o projecto europeu teve também, como objectivo, o bem estar das populações europeias, que aumentou exponencialmente, a liberdade, o respeito pelos Direitos Humanos e o desenvolvimento sustentado.

O método de Jean Monnet e de Maurice Schumann dos "pequenos passos", aplicado, com rigor, por homens políticos dos dois principais Partidos da Europa Ocidental - os democrata-cristãos e os socialistas - revelou-se de grande mérito e, por isso, não pode deixar de ser, para os europeístas, uma referência fundamental.

Pertencço a um país - Portugal - que esteve submetido a uma longa Ditadura, hipócrita e cruel, que durou 48 anos. À margem, portanto, do progresso europeu. Desde jovem fui um opositor aguerrido da Ditadura, tendo sofrido a prisão, várias vezes, a deportação em São Tomé (em África) e, finalmente, a expulsão do meu próprio país. Para além de toda a espécie de discriminação.

Quando da Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1974, uma revolução sem efusão de sangue, regresssei no primeiro comboio (o aeroporto estava fechado), de um longo exílio em França de quatro anos. Tinha então sido formado, na clandestinidade, o Partido Socialista Português (PS) e eu fui eleito seu Secretário-Geral.

Era um partido pequeno que, com o tempo, se transformou num dos partidos estruturantes da II República. Foi várias vezes um partido de poder, só ou em coligação e, desde há 4 anos, é o partido do Governo, com maioria absoluta. As próximas eleições legislativas realizar-se-ão no próximo dia 27 deste mês.

Quando regresssei a Portugal, a Revolução dos Cravos propunha-se atingir três grandes objectivos: acabar com as guerras coloniais, portanto, fazer a descolonização; democratizar o país, o que, necessariamente, implicava a paz e conceder a autodeterminação às colónias; e desenvolver um país, arruinado por 13 anos de guerras coloniais e 48 de isolamento internacional e bloqueio económico. O que implicava conseguir a adesão de Portugal à então CEE.

Os três objectivos foram conseguidos em poucos anos, embora com enormes dificuldades. Por isso a Revolução dos Cravos é, internacionalmente, considerada "uma revolução de sucesso". O insuspeito politólogo americano, Samuel Huntington, assim o escreveu no seu livro a "Terceira Vaga". Como aliás muitos outros analistas e comentadores do Mundo inteiro.

Portugal aderiu à CEE em 12 de Junho de 1985, conjuntamente com a vizinha Espanha. Não o fizemos apenas por razões económicas, mas também - e sobretudo - por razões políticas: precisávamos de consolidar a nossa jovem democracia e a Constituição progressista, votada em 2 de Abril de 1976, que criou a II República e, simultaneamente, estabelecer relações de fraternidade e solidariedade com as nossas antigas colónias, de Cabo Verde a Timor, que a nossa entrada na CEE facilitou, hoje todas tendo como língua oficial o português - bem como o Brasil - e pertencendo, assim ao espaço comum da Lusofonia: a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Festejámos, em Junho passado, vinte e quatro anos de membros de pleno direito da então CEE, hoje União Europeia. Portugal tornou-se um país profundamente europeísta, visto que a esmagadora maioria dos portugueses reconhecem que ganhou imenso com a adesão à Europa. Portugal, hoje, é um país diferente, aberto à modernidade, tendo feito, incontestáveis progressos nomeadamente nos planos político, social, económico, cultural e científico.

Portugal aderiu ao euro e pertence ao espaço Schengen. Presidiu, três vezes, ao Conselho Europeu, a primeira das quais sendo primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva (do PSD, Direita) e nas

seguintes António Guterres e José Sócrates (Esquerda). As presidências portuguesas da União não foram criticadas nem, efectivamente, tiveram falhas.

Como convicto europeísta aplaudi o passo importante, para uma Europa Política, dado com o Tratado de Maastricht (1992). Mas a partir daí a União Europeia, para além do euro e da constituição do espaço Schengen, não fez progressos sensíveis no caminho de uma Europa Política nem, menos ainda, dos Estados Unidos da Europa. Os últimos alargamentos representaram uma "fuga para a frente" e como não foram seguidos das reformas político-institucionais esperadas, tornaram o progresso da construção europeia cada vez mais problemático e difícil.

Sou, por natureza, optimista. Mas não posso negar que a realidade da situação europeia - no impasse institucional prolongado em que se encontra - tem vindo a aumentar o meu eurocepticismo quanto ao futuro da Europa. Não posso - nem devo - avultar a minha profunda preocupação.

Muitos comentadores e analistas políticos falam, abertamente, de um crise das lideranças europeias. É inegável. Não temos hoje figuras políticas com a dimensão dos chamados Pais Fundadores - é óbvio - nem sequer personalidades convictamente europeístas como: Spinelli, Spaak, den Uyl, Giscard d'Estaing, Schmidt, Kohl, Mitterrand, Jacques Delors, Felipe Gonzalez e outros...

Hoje, perante uma crise da dimensão da actual, a União Europeia não foi capaz de definir uma estratégia global concertada entre os 27 para atacar a crise e a superar. Temos um directório de facto, não de jure - porque em termos comunitários todos os países são iguais - que fala e actua em nome da União: a Chanceler Merkel (Alemanha), o Presidente Sarkozy (França) e o Primeiro-Ministro britânico, Gordon Brown. A Itália, desde que Sílvio Berlusconi chegou ao poder, em termos europeus, parece contar muito pouco. Mas o certo é que não há uma visão de conjunto concertada, em termos europeus, nem no plano interno - que obrigue cada um dos 27 membros - nem no plano internacional, em que não há iniciativas europeias conjuntas, nem sequer um projecto europeu concertado. A União limita-se a ir, mais ou menos, a reboque dos Estados Unidos - o que sendo Obama Presidente não é necessariamente mau - arrastando a NATO para uma guerra como a do Afeganistão, o que a põe numa situação tão delicada que é difícil prever se subsistirá.

Alguns países membros - entre os 27 ou mais, que esperam - não acreditam na Europa Política. O Reino Unido, que só aceitou entrar na CEE quando o comboio estava em marcha, sempre procurou sabotar uma Europa Política. Teve sempre um pé na América do Norte e outro na Europa. No tempo de Reagan e depois de Bush, filho, com a terceira via, de Blair e Giddens, tentou converter muitos europeístas ao neo-liberalismo, a ideologia donde resultou a economia de casino, a guerra do Iraque e a actual crise financeira, económica, que também é social, política e ambiental...

Com Barack Obama entrámos numa nova era, com todas as dificuldades que necessariamente suscitam os interesses feridos e as grandes rupturas indispensáveis. Barack Obama tem um plano para a crise e para mudar o modelo económico e financeiro que a suscitou. A União Europeia, continua, lamentavelmente, no impasse. Parece desejar "que mude o menos possível para que tudo permaneça na mesma", para usar uma frase do livro de Lampedusa, que deu origem ao magnífico filme de Visconti "Il gattopardo"... Ora não é possível.

Creio, para terminar este meu modesto testemunho, que o dilema que agora se nos põe é simples: ou avançamos com o projecto europeu no plano político e social, com uma visão concertada e participamos activamente na definição da nova geo-estratégia mundial, em grande transformação, ou entraremos em irreversível decadência. Se os nossos actuais dirigentes europeus não quiserem ver que é este o dilema, só temos um caminho: apelar ao Povo Europeu, principalmente às novas gerações, que acreditem no projecto europeu e na necessidade de o fazer avançar. E avançar com os que querem acompanhar-nos, tendo a coragem de deixar para trás os que não querem.

Em democracia é o caminho que nos resta: a mobilização política dos europeístas, federalistas ou não.

Lausanne, 11 de Setembro de 2009